

Muitas antas, pouca gente?

Talvez no dia em que obtiver respostas para todas as questões que me perseguem venha a conhecer a felicidade da sabedoria e da maturidade. Mas não bastará afinal que continuemos a colocarmos essas questões?

Frederik Pohl,
Os Anais dos Heechees

I. A Ocidente, qualquer coisa de novo

Quase 50 anos após a publicação em português dos resultados das investigações de Georg e Vera Leisner sobre o megalitismo de Reguengos de Monsaraz (1951), a situação mudou radicalmente, não tanto no que se refere aos monumentos megalíticos, mas sobretudo no que se refere aos menires, às estelas-menir e aos recintos megalíticos. E, claro, aos povoados.

Na verdade, lendo a monografia dos Leisner, a ideia que domina indirectamente é a da presença maciça de monumentos funerários aos quais não correspondia praticamente nada no domínio dos vivos.

Mas onde habitavam os que construíram aqueles monumentos, depositando neles uma parte maior ou menor da sua comunidade? Quais as terras que usavam e como? Que ligação entre os espaços dos recursos e os espaços da morte?

Quando, em 1992, publiquei “Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz”, coloquei em torno aos monumentos megalíticos uma nova série de questões. Derivavam todas elas praticamente de notas de campo, tomadas durante a escavação da anta 2 do Olival da Pega e algumas outras do esforço de síntese da *História de Portugal* de João Medina, cujos três primeiros volumes me coube coordenar.

Viram-se então tratadas pela primeira vez em Portugal questões como a da orientação dos monumentos megalíticos ou da conexão dos recursos a estruturas específicas de povoamento. Os pontos em aberto foram retomados mais tarde num pequeno ensaio, reescrito em condições pessoais muito difíceis, e a que volto às vezes (o que quem me conhece sabe ser raro, tão fácil me tem sido sempre esquecer o que escrevo). Com efeito, em *O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas* concentram-se indicadores do que melhor e pior fiz ao redireccionar a minha pesquisa exclusivamente sobre os povoados e os espaços da morte das antigas sociedades camponesas de Reguengos de Monsaraz. Conceitos ou questões que envolviam também o “termo de validade” para certas formas de organização das comunidades “simples”, expressão que me pareceu adequada, em confronto com conceitos insuficientemente fundamentados de complexidade social.

Curiosamente, uma das raras referências dos Leisner a um eventual lugar de povoamento referia-se exactamente a uma situação nunca confirmada no terreno, a do presumível povoado dos Gorginos. Na localização indicada, nada se encontrou e a presença de um menir junto a uma acumulação dos resultados das despedregas levadas a efeito naquela herdade não conduziu a nenhuma evidência de ocupação.

Muito depois dos Leisner, a descoberta e o início de escavação de um povoado calcolítico fortificado no Monte Novo dos Albardeiros, cujas duas fases principais de ocupação foram datadas pelo radiocarbono das duas metades do III milénio (Gonçalves, 1988-89), precipitou outras identificações (Gonçalves, 1990-91; Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Soares e Silva, 1992).

A escavação de TESP3, o sítio 3 da Torre do Esporão, recentemente destruído pela FINAGRA, mostrou que outros sítios se encontravam ocupados na transição do IV para o III milénio (Gonçalves, 1990-1991).

Havia agora uma imagem, que começava a formar-se, mas bastante imprecisa ainda, para a eventual transição do IV para o III e do III milénio. Escavações nos Gorginos mostraram-se inconclusivas (Gonçalves e Diniz, inédito), em Areias 15 mais concretas (Gonçalves e Sousa, 1997b).

A destruição pela FINAGRA de grande parte da informação referente ao povoado dos Perdigões evidenciou, como seria de esperar, novos dados para o III milénio, ainda que descontextualizados e insuficientemente publicados (Lago et al., 1998).

De novo, porém, apenas mas só, os avanços permitidos pela grande operação de re-prospecção e escavação financiados pela EDIA como contrapartida ao enchimento da Barragem de Alqueva. Esses dados, em curso de tratamento, vieram alterar dramaticamente a quantidade, a qualidade e o espectro da nossa informação sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz.

Este Colóquio e os próximos apresentarão certamente resultados decisivos. Se chamámos a este, globalmente, e com razão, parece-me, “Muitas antas, pouca gente?”, ficando a interrogação a registar grandes e fundadas expectativas, os próximos terão forçosamente designações bem diversas e a esperança de que os nossos dados cresçam de forma a integrar o megalitismo numa diacronia compreensível parece agora bem fundamentada.

A sequência eventual para os monumentos megalíticos registou também um salto considerável com a escavação da necrópole do Olival da Pega e com a pesquisa sistemática que a minha equipa prossegue, no sentido de compreender o que realmente se passou na transformação das construções dos espaços da morte das antigas sociedades camponesas. A passagem da fase, designação agora legítima, de construção de megálitos para *tholoi*, e a anexação de estes àqueles, prolongando e revivificando espaços da morte anteriores, é sem dúvida uma importante descoberta a nível peninsular e mesmo europeu.

Não se possuem ainda datas de radiocarbono para qualquer uma das antas de Reguengos, mas sabemos-las agora seguramente anteriores à primeira metade do III milénio, o momento em que se lhes anexam os *tholoi*. Quanto anteriores, é ainda impossível de afirmar. Mas, para muitas delas, novos indicadores de pesquisa parecem indiciar uma curta separação na escala de tempo real, sendo que muitos materiais atribuídos tradicionalmente aos seus construtores talvez sejam referenciáveis com muito maior probabilidade a uma reutilização maciça e bimodal de estes espaços funerários.

2. Muitas antas, pouca gente?

No Colóquio Internacional *O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*, realizado em Santiago de Compostela em 1996, e cujas Actas foram publicadas em 1997, apresentei em colaboração com Ana Catarina Sousa uma primeira perspectiva global do povoamento de Reguengos de Monsaraz eventualmente correspondente aos momentos imediatamente anteriores e aos contemporâneos da construção e utilização dos monumentos megalíticos. De esse texto se partiu, aliás, para a versão apresentada a este Colóquio, posteriormente actualizada com dados recolhidos já aquando das intervenções patrocinadas como minimização de impactos pela EDIA, cuja autorização para a sua reprodução, exigida por contrato, aqui agradecemos.

Conceitos como o da *visibilidade directa* ou de *intervisibilidade entre sítios* foram então explorados, no arranque de um conjunto de leituras que decorre ainda.

Também a ideia de que à visibilidade dos monumentos megalíticos, reservados inicialmente a um grupo restrito, corresponderia a invisibilidade do povoamento, obrigatoriamente numeroso (ainda que em termos obviamente relativos), derivava afinal exclusivamente das perspectivas de pesquisa utilizadas na pesquisa de campo ou na sua inexistência efectiva.

O facto de os vales, onde se localizaria grande parte do povoamento mais antigo, terem sido rapidamente alterados pelas deposições de sedimentos, características dos vales “vivos” que são os nossos, levantou dificuldades na localização dos sítios com essas escolhas de implantação. A descoberta mais recente de modelos para o povoamento neolítico, em nichos onde era possível uma apropriação imediata de recursos aquíferos para uso quotidiano, em ligeiras plataformas ideais para as drenagens das águas de Inverno e Primavera, surgiu, porém, como um novo elemento apenas muito recentemente, aquando dos trabalhos em Xarez 12, na Baixa do Xarez e em Carraça 1.

Em curso, através do eventual prolongamento de um projecto apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, está a correlação dos *tholoi* anexos a antas (OP2, CBS, PSS...) a um tipo de povoamento, teoricamente de grande visibilidade, mas que na prática tarda a ser identificado.

A imagem é agora, e ainda, de muitas antas. Mas também de muitos *tholoi*, e sobretudo de muitas pequenas áreas de povoamento para as mais antigas sociedades camponesas e de outras, menos numerosas, mas de maior dimensão, para os grupos do 3.º milénio.

Assim, e comparando os dados agora disponíveis, as antas acabam por não ser tantas assim e a gente, certa e definitivamente, deixou de ser pouca...

3. O 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo

De 4 a 6 de Outubro de 1996, um grupo de investigadores convidados pela UNIARQ e pela Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz reuniram-se para discutir aspectos relacionados com o megalitismo e, sobretudo, com as suas próprias investigações em curso.

De França, vieram Charles-Tanguy Le Roux e Roger Joussaume. De Inglaterra, Michael Hoskin. Da Irlanda, George Eogan. De Espanha, Primitiva Bueno Ramírez, Rodrigo Balbín-Behrmann, José Clemente Martín de la Cruz e colaboradores. Da Galiza, Bello Diéguez. Da Catalunya, Miquel Molist e Javier Clop. De Portugal, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, Jorge Oliveira, João Luís Cardoso, Vítor Oliveira Jorge, Ana Catarina Sousa, Mariana Diniz, Leonor Rocha, Manuel Calado, entre outros. E da Alemanha, mas falando português, Philine Kalb e Martin Höck.

O Colóquio decorreu com o ritmo próprio à região que tantos de nós amam. O que quer dizer sem pressas. Ao contrário das grandes reuniões, que tão pouco aprecio, houve aqui tempo para tudo e o excelente acolhimento prestado pela autarquia contribuiu para que a velha vila de Monsaraz tivesse outras presenças que as dos costumeiros turistas. Ao seu presidente, Vítor Manuel Barão Martelo, ao pelouro da Cultura e à equipa que este disponibilizou para acompanhar o decorrer burocrático do Colóquio, cabe-me agradecer em nome de todos, tarefa de que aliás fui expressamente incumbido e cujo teor é o primeiro ponto das conclusões do encontro. Cujo texto foi o seguinte:

“Os participantes no 1.º Colóquio Internacional sobre megalitismo e os investigadores da UNIARQ a ele associados,

Saúdam a Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, na pessoa do seu Presidente, por toda a hospitalidade demonstrada, e felicitam o Pelouro da Cultura tanto pela eficácia do apoio logístico como pela exemplar simpatia com que foram acolhidos;

Manifestam o seu interesse em que uma nova reunião tenha lugar dentro de dois a três anos, de forma a que o Concelho de Reguengos de Monsaraz se transforme num fórum de discussão das práticas funerárias das antigas sociedades camponesas, esclarecendo as situações que decorreram no nosso território, mas discutindo os casos europeus, e mesmo extra-europeus, de forma a ler numa perspectiva integrada esses episódios específicos da aventura humana;

Esperam a rápida edição das Actas, de forma a que as valiosas contribuições aqui trazidas entrem o mais depressa possível no circuito científico e de difusão dos conhecimentos, sem o que estas reuniões, por mais interessantes que tenham sido, acabarão por cair no olvido;

Alertam o IPPAR, e as futuras instituições que irão tutelar a Arqueologia, para a destruição sistemática de monumentos megalíticos no Alentejo, para a necessidade de proteger imediatamente, e na medida do possível, o maior número de megálitos ameaçados. Recordam também que a melhor forma de conhecer e proteger o passado é investigá-lo e que os apoios a essa investigação devem ser substancialmente aumentados.

Monsaraz, 96.10.05”

Agora que o volume das Actas, com o impressionante, mas a meu ver amplamente justificado, título “Muitas antas, pouca gente?”, é enfim colocado no circuito científico, cabe-me, como seu coordenador, regozijar-me pela qualidade dos textos coligidos, não sem antes registar o trabalho desempenhado por uma investigadora da UNIARQ na preparação do seu aspecto final.

Coube com efeito a Ana Catarina Sousa a tarefa de transcrever o debate dos suportes vídeo e áudio utilizados, uniformizar pelas normas adoptadas pelo IPA todos os textos e, sobretudo, as respectivas bibliografias. Estando ainda em vigor o regime da desordem no mundo da escrita arqueológica (o que pode não ser necessariamente tão mau como o pretendem fazer crer), tratou-se de actividade trabalhosa e cansativa. Regista-se por isso o desinteresse e a correcção com que foi desempenhada, num universo tipicamente português onde outrora se trabalhava a troco de fama e glória e hoje, por vezes apenas, a troco de aquilo por que uma e outra são frequentemente substituídas.

Para António Faria, do IPA, cuja meticulosa reverificação dos textos é já lendária, vai naturalmente o nosso agradecimento por ter lido atentamente e contribuído para a forma final de este livro.

Victor S. Gonçalves
Lisboa/Reguengos de Monsaraz
Inverno de 1999

REFERÊNCIAS

Os trabalhos referidos atrás encontram-se seriados na bibliografia do primeiro texto de esta colectânea: *O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz).*

